

# Sarney denuncia ação de radicais

Da sucursal de  
BRASÍLIA

O vice-líder do governo, senador José Sarney, expressou, ontem, confiança em que o presidente Geisel possa institucionalizar o País até o fim de seu mandato, ressalvando, porém, que "a democracia está difícil no Brasil, porque há um complot de radicais ensinando a desaprendê-la".

Em entrevista a "O Estado", ele condenou a idéia da Constituinte, "como antigo hábito do Partido Comunista", bem como os que "querem jogar no caos, o que além de ser impatriótico, é atitude inteiramente impossível e irrealista, meras especulações do pessimismo festivo".

Sarney acredita que "o desejo do presidente Geisel seria institucionalizar o País até o fim de seu mandato. Não considero uma hipótese impossível. Mas não depende apenas dele. Caso seja ajudado e compreendido, poderemos chegar lá. Depende muito mais dos fatos do que realmente de uma decisão pessoal".

No entender do senador, os políticos poderiam ajudar o presidente, "conjurando qualquer crise, não as alimentando, não radicalizando, e abandonando qualquer linha de contestação. Na construção dessa ajuda, a oposição é básica e, para isso, deve abandonar a linha negativista, para enveredar pela estrada da análise crítica do governo, mas numa posição cooperativa em relação ao regime".

Como temas para entendimento dos partidos, ele propõe: "A democracia social; a constitucionalização da revolução com respeito aos direitos individuais; a salvaguarda da ordem interna e da segurança; criação de instrumentos eficazes de autodefesa do regime, como o Conselho de Estado, e a reorganização partidária. O temário é vasto e existem grandes áreas de interesse comum. O caminho será longo, mas pode ser percorrido".

## DEFINIÇÃO DA CRISE

É assim que o senador maranhense define a crise política brasileira: "A democracia está difícil no Brasil porque há um complot de radicais, ensinando a desaprendê-la. Por exemplo, o conflito e a parte intrínseca da política. Uma sociedade democrática, partindo dessa verdade, procura harmonizar os homens, reconciliando-os, numa busca de unidade. Atualmente, porém, no Brasil, existem duas posições radicais: a primeira acha que o conflito, debate, controvérsia, ou como se queira chamar o choque de interesse sociais, é um mal da sociedade, e devemos fazer tudo para estabelecer uma profilaxia, para que ele jamais possa eclodir e seja sempre sufocado. A segunda é uma posição formal, para a qual o conflito pode desaparecer por simples texto legal. Considera esse grupo que a lei extingue os conflitos. Desde que a lei exista, existe a harmonia social. Ambas as posições são antidemocráticas, porque nenhuma delas admite a base da sociedade democrática, que é o fato de o conflito ser inarredável. Eu diria que é a idéia que empolgou o MDB. Assim ele deseja resolver todas as crises com a simples revogação de atos, como o AI-5 ou 477. Como milagre bastaria a publicação, no Diário Oficial, do decreto anulatório, e a democracia nasceria das rotativas e dos folhetos. Essa idéia é muito antiga e nunca se tornou realidade. Vem de Heródoto, quando os gregos se ufanavam de ser governados mais por leis e menos por homens: 'A lei é melhor quando governa menos' ou 'a lei é melhor quando provê mais' são afirmativas dessas posições. Diz o professor Schwartz que a primeira frase é uma verdade do século XIX e a segunda, do século XX. A grande tarefa do século XXI será harmonizar estas verdades. A posição do MDB me parece a primeira".

Ele admitiu que "temos gente que pensa da mesma maneira dos dois lados, e por isso mesmo a democracia fica difícil, não por falta de democracia mas, para glosar Calçada Batista, por falta de democratas".

## CONSTITUINTE

Segundo Sarney, "esta história de Constituinte é bem velha. Constituinte, antigo hábito do PC, dos tempos de Marx, segundo o qual um documento (e naquela época era manifesto) é sempre instrumento de mobilização da opinião pública. Eles venderam essa idéia ao mundo subdesenvolvido, e os nossos partidos políticos, sempre que se acham sem perspectivas, lan-

çam um 'slogan' que é um manifesto como o da Constituinte. Tivemos 'Const' Constituinte com Getúlio,' 'Constituinte com Jango' e, agora, Constituinte sem ninguém. Não quero dizer que a posição do MDB seja comunista. Longe de mim essa afirmativa. Cito o exemplo, da mesma maneira que citaria o fato de que a idéia do planejamento, a nível de Estado, é uma idéia socialista que o mundo ocidental aceitou. Se a Constituinte permite todas as reformas, exceto abolir a Federação e a República, como se falar em Constituinte se já temos esse poder no Congresso?".

## EXEMPLO ESPANHOL

Lembrando que está na moda citar o exemplo espanhol, e Sarney assinala que "não é bom esquecer que Suarez não democratizou a Espanha, convocando uma Constituinte, mas as Cortes, e que não revogou as leis e sim os costumes franquistas." Assim, nós, do Brasil, devemos lutar muito mais pelas práticas democráticas do que por soluções formais. A democracia é convivência, é conversa, e como dizia Otávio Mangabeira: "Está na hora de falar menos e conversar mais".

## EXEMPLO ARGENTINO

Admitindo um entendimento nacional, o vice-líder da Arena no Senado chama a atenção para o precedente argentino: "Há clima para um entendimento na base de princípios, de um pacto histórico que parta de dois pontos: a revolução não é apenas um fato histórico, é um fato político vivo, e seu compromisso é com uma sociedade democrática. Partindo dessas realidades, é possível construir um programa de avanços políticos. Jamais deveremos, porém, pensar em Lanusse. O exemplo argentino é didático. Aquela país paga até hoje aquele erro. E é claro que, havendo Lanusse, depois, haverá Videla. É um passo a frente que não avança e que conduz, isto sim, ao abismo, quilômetros atrás e abaixo. Mas acho que há muita gente hoje com os pés no chão dentro do MDB, que sabe da necessidade de salvaguardas para evitar que o desenvolvimento político seja frustrado. É salutar o movimento que se nota em grandes áreas do MDB, para uma meditação mais ampla sobre os processos políticos do País".

Depois de defender as reformas de abril, Sarney condena os que apostam no caos e não creem em que o presidente Geisel comande sua sucessão: "Tenho ouvido falar que há uma rebelião da sociedade civil contra o governo, que as estruturas militares estão com fadiga do sistema e muitas coisas mais. Acontece que essas hipóteses não têm apoio nos fatos. Querem jogar o País no caos, além de ser uma atitude impatriótica, é atitude inteiramente impossível e irrealista. São especulações do pessimismo festivo".

## SUCESSÃO

Para o senador José Sarney "o presidente Geisel comandará tranquilo o processo da sucessão. A sua autoridade moral, a sua capacidade de comando, fazem com que seja ele não somente o chefe mas o líder. Ele tem o apoio total do seu partido e dos políticos, para encaminhar, na hora em que acada conveniente, o problema. E não tenhamos dúvida de que achará a melhor solução. É obra da intriga dos inimigos da Revolução achar que a autoridade do presidente será desestabilizada para o comando da sucessão. Qualquer tentativa nesse sentido, para usufruir os subprodutos do caos, será repelida e nem de longe pode acontecer ou ser examinada".

Dizendo ainda que as dificuldades econômicas são suportáveis, ele prevê que "o problema político será encaminhado em breve. A visão de uma pequena parcela do MDB quando à suposta fraqueza do governo só leva a um caminho que é o da radicalização".